

“É uma memória afetiva”: provérbios como prática cultural de cuidado de si e do outro / “It Is an Affective Memory”: Proverbs as a Cultural Practice of Self-Care and Care for Others

*Rejane Brandão Siqueira**

*Edson Cordeiro dos Santos***

*Jennifer Pena Vasconcellos da Silva****

RESUMO

O artigo aborda as memórias de infância com o foco na transmissão de provérbios, tendo como fio condutor a cultura e as esferas da atividade humana com a utilização da língua. O objetivo é investigar as marcas de cuidar e ser cuidado nos relatos de memórias de uso de provérbios. Como metodologia, foram realizadas entrevistas coletivas em rodas de conversa com um grupo de profissionais de um curso de Especialização em Educação e com um grupo de estudantes de uma turma de Ensino Médio regular noturno para a análise da rememoração dos provérbios na infância. O texto está estruturado em duas partes: análise conceitual dos provérbios e descrição das rodas de conversa e categorias de análise (contextos; experiência intergeracional; metáforas e polifonia; e cuidado). As considerações finais apontam que a rememoração e narração de provérbios configuram um ato de cuidado, promovendo uma conexão humana que revela e toca o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado; Cultura; Rememoração; Provérbios

ABSTRACT

This article explores childhood memories with a focus on the transmission of proverbs, following the common thread of culture and the spheres of human activity that make use of language. It aims to investigate the imprints of giving and receiving care found in memories pertaining to the use of proverbs. The chosen methodology involved collective interviews in discussion groups with a group of professionals from a Specialization Course in Education and a group of High School students in a regular evening class, analyzing their recollections of childhood proverbs. The text is structured in two parts: a conceptual analysis of proverbs, and a description of the discussion groups and categories of analysis (Context; Intergenerational Experience; Metaphors and Polyphony; and Care). The closing thoughts suggest that the recollection and narration of proverbs constitute an act of care, fostering a human connection that reveals and touches others.

KEYWORDS: Care; Culture; Recollection; Proverbs

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio, Faculdade de Educação, Departamento de Educação, *Campus* Gávea, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Faperj Proc. E-26/200.844/2021; <http://orcid.org/0000-0002-9927-3396>; rejsiqueira@gmail.com

** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio, Faculdade de Educação, Departamento de Educação, *Campus* Gávea, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Faperj Proc. E-26/200.844/2021; <http://orcid.org/0000-0003-4275-3089>; edsoncordeiro.nig@gmail.com

*** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio, Faculdade de Educação, Departamento de Educação, *Campus* Gávea, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Faperj Proc. E-26/200.844/2021; <http://orcid.org/0009-0008-3518-8564>; jennifer.vascc@gmail.com

Introdução

Com o objetivo de identificar como as práticas e marcas culturais presentes em histórias, músicas, brincadeiras e provérbios contados por crianças e adultos podem se constituir como ações de cuidado, este artigo é um recorte de pesquisa e tem por fim apresentar os dados construídos para alcançar o objetivo específico de ouvir narrativas de memórias das infâncias de jovens e adultos no que se refere à transmissão de provérbios. Nesse movimento “escuta-narrativa-rememoração” de provérbios, o fio condutor é a cultura. Mikhail Bakhtin (1997) afirma que, ao nascer, os indivíduos penetram na cultura e, ao longo da vida, contribuem para o desenvolvimento e restabelecimento de seus significados. Em sua filosofia da linguagem, o autor relaciona as esferas da atividade humana com a utilização da língua, que “efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (Bakhtin, 1997, p. 279). As narrativas de adultos e crianças redimensionam o cuidado enquanto algo que se constrói nas relações. Com base nos estudos de Bakhtin (1997, 2006) e Martin Buber (2001, 2004, 2009, 2011), o cuidado é sustentado pelas relações dialógicas como premissa para uma existência que seja, sobretudo, resposta responsável ao tempo e ao lugar em que vivemos.

Contados ou rememorados, os provérbios são historicidade da língua que reflete uma cultura, uma maneira de pensar e de agir, ou seja, uma ideologia que sustenta esse comportamento linguístico ocorrido no passado e que se repete ou não no presente. Ao abordar a ideologia, Antonio Gramsci (1986) indaga sobre a ideia que o povo tem de filosofia, destacando que a resposta pode vir da linguagem comum e, a partir dela, ser analisada. Para o autor, a distinção entre filosofia – que seria o próprio bom senso – e o senso comum está nas características individuais de elaboração do pensamento, presentes na primeira, enquanto o segundo apresenta características de uma certa época, em um certo contexto. O senso comum integra-se à concepção de mundo a partir de um conjunto desagregado de ideias e opiniões, caso da religião e do folclore, que traduzem um tipo de conformismo imposto pelo ambiente exterior – a ideologia dominante, ou de forma coerente e homogênea.

Para Walter Benjamin (1987), o desafio de narrar o passado é compreender que todos os acontecimentos importam. Ouvir as narrativas das crianças e adultos sobre as

miudezas do cotidiano e de seus repertórios culturais é romper com a história oficial. A fim de conhecer as narrativas das histórias orais, entrelaçadas pela rememoração de provérbios, e trazer as histórias contadas por crianças, professores e famílias, a pesquisa aqui apresentada utilizou entrevistas coletivas em rodas de conversa como opção metodológica. Essas rodas foram redistribuídas por repertórios culturais: i) provérbios, ii) música e iii) histórias. Para os fins deste artigo, abordamos a roda de provérbios. A partir da escuta sensível às narrativas de memórias das infâncias dos sujeitos participantes de duas rodas de provérbios, buscamos identificar nas histórias rememoradas, contadas e recontadas, o que pode contribuir para a compreensão do cuidado como prática social e cultural. Ouvinte e narrador partilham de uma experiência humana comum e do interesse em conservar o narrado para evitar a degradação da experiência (Benjamin, 1987).

Constitutivo da pessoa, como o diálogo, o cuidado como rememoração busca o que foi (quase) destruído ou esquecido, vinculando-se à resistência. Segundo Márcio Seligmann-Silva (2008), a memória é o avesso do perigo de esquecer, de encobrir a narrativa que apresenta o triunfo dos vencedores. Podemos indagar: que gestos de resistência são ensinados no longo processo educativo nas diferentes instituições? Que atos de resistência podemos observar ao longo da história individual e coletiva nas narrativas ouvidas? Este texto está estruturado em dois itens: o primeiro analisa conceitualmente os provérbios e o segundo destaca as rodas realizadas e as categorias de análise. Ao final, são tecidas algumas considerações.

1 Os provérbios como prática sociocultural

A palavra “provérbio”, do latim “*proverbium*”, resultante da aglutinação do advérbio latino *pro*, que se traduz, em vernáculo, por *a favor*, com o substantivo latino neutro *verbum*, que originou o nome *verbo*; ou seja, seria *favorável ao verbo*¹. Ao tomar o provérbio como repertório cultural é importante mencionar que, neste estudo, assumimos como sinônimos os termos: dito popular, ditado, máxima, anexim, rifão, adágio, bordão, entre outros. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (2012) designa o objeto de estudo da fraseologia como unidades fraseológicas, considerando suficiente para

¹ Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/proverbio>. Acesso em: 31 mai. 2023.

abarcam sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, pragmatemas e fórmulas situacionais, colocações, locuções fixas, frases feitas, clichês e chavões. Para a autora, “enquanto conjunto de fenômenos fraseológicos comum a todas as línguas naturais, a Fraseologia constitui um estupendo recurso linguístico, do qual os falantes fazem uso em seu cotidiano, em contextos precisos e com objetivos específicos” (Monteiro-Plantin, 2012, p. 21).

Poderíamos afirmar que tais expressões fazem parte do grupo das *frases feitas* com marcas da oralidade e incorporadas ao pensamento popular. Carla Regina Corrêa (2000, p. 22) pondera que o que está em jogo é o discurso proverbial, ou seja, “os enunciados que contêm as características de um provérbio, enunciados que designam um princípio de regra moral, o saber do povo através de uma linguagem simples, familiar, breve, concisa, direta, convincente e com um encerramento definicional”. A autora leva em conta os estudos de Grésillon e Maingueneau (1984) e assevera que o provérbio é um discurso relatado por excelência, retomando “as intenções de outros locutores, misturando a voz do locutor com todas as vozes que já proferiram o mesmo provérbio; um caso, portanto, de polifonia” (Corrêa, 2000, pp. 60-61). Destacamos que foge ao escopo da pesquisa as questões da Linguística, pois o objetivo é investigar as marcas de cuidar e ser cuidado nos relatos de memórias de uso de provérbios.

Muitas vezes, o provérbio é utilizado para legitimar autoridade, pois, como é repetido ao longo dos tempos, serve como uma *verdade* incontestável, ou seja, não é o falante que está dizendo, *quem diz é o provérbio...* “O enunciatador de um provérbio apaga-se atrás de um outro enunciatador que é quem garante a verdade do que está sendo dito” (Corrêa, 2000, p. 61). Para Priscila Piquera Azevedo e Luiz Carlos Fernandes (2009, p. 1.965), os provérbios são expressões fixas, cristalizadas e consagradas pelo uso, tendo origem na sabedoria popular e em grande circulação social, “os sentidos veiculados em tal gênero costumam ser aqueles que estão consolidados na memória coletiva e que, em geral, mobilizam interpretações moralistas sobre o mundo e os seres humanos”.

Apesar de hoje circular na linguagem escrita, os provérbios pertencem ao gênero oral e, para Araceli Strassacapa (2015, p. 12), “eles apresentam propósitos comunicativos pelas situações de interação em que são usados, incorporam valores sociais, subjetivos, abordam diversos assuntos de uma determinada relação social na comunidade discursiva”. A autora ressalta o seu uso em diversos contextos (anúncios publicitários,

mídias, propagandas etc.) e defende que “podemos considerar os provérbios como um ditado popular em determinadas situações, com a finalidade de aconselhar, demonstrar as maneiras pelas quais as pessoas enfrentam a realidade e realizam as suas tarefas” (Strassacapa, 2015, p. 44).

A rememoração é movimento dialógico em que, no encontro com o outro, o eu volta-se a si mesmo em uma tomada de consciência de si e do outro, abrindo-se a ele de modo a desviar, subverter, romper com estereótipos – antessala do preconceito – e quebrar preconceitos. Ato educativo inclusivo, como propõe Martin Buber (2004), o cuidado se manifesta no agir ético, na direção contrária à esperada de busca ao que foi destruído, esquecido.

Ressaltamos que os provérbios não nascem espontaneamente no seio do povo. Em sua origem, autoria e enunciado–existe um sujeito criador, mas, ao ser apropriada a autoria, ele vai sendo incorporado ao uso popular e ganha muitas vozes em que o texto passa da origem única e transforma-se. Apesar de nascer da boca de alguém que tinha nome, descola-se dele e passa a fazer sentido por si só. Assim, “o povo passa, em verdade, a ser autor e dono do provérbio, que outrora tivera sua marca registrada” (Corrêa, 2000, p. 12).

Tais considerações conceituais e estruturais no campo teórico sedimentam o movimento dialógico em que reside a abordagem a que se propõe a pesquisa, no exercício de lembrar, resistir, construir comunidade, cuidar, ensinar, educar, brincar como experiência de cultura, compreendidos como atos e movimentos que se tornam – ou precisam se tornar – centrais para a continuidade da vida, da saúde, dos processos de educação de crianças e adultos em uma convergência de conhecimento, sensibilidade estética e agir ético, o cuidado. Como assevera Buber (2011, p. 20),

[...] de modo algum nossa verdadeira tarefa neste mundo, no qual fomos colocados, pode ser nos afastar das coisas e dos seres que encontramos e aos quais nosso coração se afeiçoa; ao consagrar nossa relação com eles, nossa tarefa é justamente conseguir tocar aquilo que neles se revela como beleza, como bem-estar, como prazer.

Rememorar é, portanto, um ato dialógico em que narrador e ouvinte entram em relação com a tarefa de tocar aquilo que neles se revela como beleza, como bem-estar, como prazer. A análise das rememorações dos sujeitos faz emergir os acontecimentos nos

quais os provérbios foram citados, o que materializa aspectos que não tratam do jogo de palavras, mas as marcas de cuidado estabelecidas em diálogo, que é atuação, é resistência.

2 Rodas de provérbios: cuidado em diálogos

O aprofundamento deste tema se faz na análise dos dados empíricos produzidos em duas rodas de provérbios realizadas com grupos de jovens e adultos estudantes da educação básica e do ensino superior, considerando as singularidades e especificidades dos sujeitos e grupos atendidos. A primeira roda foi realizada com um grupo de profissionais em uma aula de conclusão de uma das disciplinas de um curso de Especialização (Roda A), com um grupo heterogêneo de profissionais. A maioria dos participantes eram mulheres (27 mulheres e 1 homem) com formação em Pedagogia (17) e na faixa etária de 22 a 49 anos. A segunda roda foi realizada com um grupo de estudantes de Ensino Médio regular noturno, em uma escola pública estadual (Roda E), da qual participaram 9 pessoas, com maioria feminina (3 homens e 6 mulheres) na faixa etária entre 15 e 70 anos. As duas rodas foram estruturadas tomando como disparadora a leitura de 20 provérbios, distribuídos e organizados da seguinte forma: a) Roda A: encaminhados com antecedência via *WhatsApp*; b) Roda E: distribuídos durante o encontro.

Os sujeitos foram orientados a ler o provérbio que receberam, informar se o conheciam e apresentar suas percepções. A partir das leituras e interpretações, perguntamos em quais contextos os provérbios foram ouvidos, quem os citou, e se, ao lê-los, rememoraram outros provérbios. Esclareceu-se que o provérbio é da cultura oral e não tem uma explicação única ou um mesmo texto, podendo, portanto, assumir diferentes formatos.

Para identificar como as práticas e marcas culturais presentes na rememoração dos provérbios, contados por jovens e adultos, podem se constituir como ações de cuidado, concebido como constitutivo do ser humano, prática cultural e social, ao sistematizar os diálogos, os provérbios rememorados nas rodas foram organizados em forma de citação, a partir das transcrições dos encontros, tendo sempre em vista que “citações [...] são como salteadores, que irrompem armados e roubam ao passante a convicção” (Benjamin, 2000, p. 61).

Ao estabelecer tal rompimento, o objeto da investigação é descontextualizado, a fim de que fale por si mesmo. No primeiro momento, em termos benjaminianos, formamos uma coleção, em que “o verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representá-las em nosso espaço” (Benjamin, 2007, p. 240). Desse modo, as falas dos participantes foram organizadas em eventos, seguindo a ordem dos acontecimentos nas respectivas rodas. No segundo, a ordenação da coleção foi alterada pela similaridade dos eventos para formar categorias de análises. Nesse movimento, é necessário que “o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante” (Benjamin, 2007, p. 239).

Na Roda E, para começar a conversa, a pesquisadora provoca a manifestação do grupo com uma questão subjetiva:

Pesquisadora: Tem alguém que fala provérbio? Conhece algum?
Irene² (49 anos): Na minha casa, só eu que falo.
Pesquisadora: E você lembra de algum, Irene?
Irene: Só procura serviço quem é trabalhador.

A resposta de Irene aponta para um diferencial dos/as demais participantes das rodas, pois, para a maioria deles, quando perguntados se falavam ou conheciam algum provérbio, a resposta imediata era não. Só após um provérbio disparador, passavam a relembrar. Como exemplo disso, a fala de Irene ressoa como disparador das memórias de José, Jennifer e Marcos, que iniciam uma disputa de provérbios:

José (69 anos): Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
Jennifer (32 anos): Camarão que dorme a onda leva.
Marcos (40 anos): Galinha que acompanha pato morre afogada.
Jennifer: Quem não escuta, cuidado, escuta coitado.
Irene: Quem se junta com os porcos farelo come.
Jennifer: Galinha de casa não se corre atrás. (Roda E).

Os provérbios, citados de forma descolada do contexto de produção da memória, apontam para o que destacou Strassacapa (2015) sobre o caráter oral e os propósitos comunicativos dos provérbios pelas situações de interação em que são usados, que, em um movimento de competição e apesar da citação aleatória, os significados metafóricos incorporam valores sociais e subjetivos.

² Todos os nomes citados neste artigo são fictícios, a fim de resguardar as identidades dos participantes.

Em *Experiência e pobreza*, Benjamin (1986, p. 195) relata a memória de uma fábula que leu na infância e cita um provérbio para definir o desfecho que o pai havia deixado como legado: “a bênção não se esconde no ouro, mas no trabalho”. A partir disso, o filósofo analisa o provérbio como a transmissão da experiência.

[...] nos foram transmitidas de modo ameaçador ou benevolente, enquanto crescíamos: “Esse menino pensa que é gente, já quer dar palpite”, ou: “Você ainda tem muito para aprender”. Sabia-se muito bem o que era experiência: as pessoas mais velhas sempre a passavam aos mais jovens [...] (Benjamin, 1986, p. 195).

Entendido como movimento que envolve narrador e ouvinte, conteúdo e forma, a rememoração e narração de provérbios pode configurar um ato de cuidado, que em relação enseja tocar o outro e o revelar, manifestando o que nele existe de modo a se conectar com ele, humanizando-se mutuamente, histórica e socialmente.

Da coleção de eventos, organizada a partir das similaridades dos dados construídos nas rodas, são apresentadas a seguir as categorias que organizam os eventos: contextos; experiência intergeracional; metáforas e polifonia; e cuidado.

2.1 Os provérbios e seus contextos

O contexto tem papel fundamental na prática discursiva. Para Bakhtin (1997), o contato do texto é com o contexto (ou seja, outro texto), que no seu ponto de contato surge a luz que aclara para trás e para frente, permitindo que o texto dialogue a partir de diversas fases de progressão dialógica da compreensão, saindo do ponto de partida (o texto dado, para trás), os textos passados (o texto dado para frente), chegando à presunção (e o início) do contexto futuro. Por trás desse contato, há o contato de pessoas e não de coisas.

Na análise das rodas, a categoria *contexto* salta das narrativas de memórias, como enfatiza Eliana (39 anos, Roda A): “Pensar num provérbio [...], só vem quando a gente está diante de uma problemática. Parece que para justificar aquilo que está acontecendo ou para ajudar na nossa fala, o provérbio vem [...]”. Ou seja, os provérbios surgem em um contexto. Sobre a questão, Jussara de Souza Mendes de Brito e Katiana Kruschewsky Coutinho Santos (2016) ressaltam que a utilização dos provérbios acontece em diferentes situações, com a mensagem transmitida se ajustando a determinado momento ou pessoas.

Identificamos que os provérbios servem ao próprio narrador ou aos demais participantes do diálogo como um disparador de memórias, ou seja, quando escutamos um, outros nos vêm à cabeça. Tal acontecimento pode ser observado no relato de Fátima (24 anos, Roda A): “[...] quando começaram a falar [...], eu pensei imediatamente que eu não conheço provérbio nenhum, e aí quando as pessoas começaram a falar foram vindos vários na minha cabeça. Eu até anotei aqui um monte que eu ouvia e nem estava me dando conta [...]”.

Brito e Santos (2016, p. 272) ressaltam, com base nos pressupostos de Cascudo (1997) e Xatara e Succi (2008), que a transmissão dos provérbios acontece através das gerações, em especial, na tradição oral, “são provenientes da experiência do indivíduo e nunca surgem fora do contexto, exigindo de seu emissor e interlocutor conhecimento prévio do mundo, ou, de forma simplificada, experiência de vida”.

Uma situação recorrente nas rodas foi a de que, mesmo aqueles que afirmavam desconhecer provérbios, ao escutar a narrativa do outro, lembravam não apenas um, mas vários provérbios e seus contextos: “Não tenho muito repertório de provérbio. Agora [...] falando, eu fui lembrando de um monte que a gente vai escutando durante a vida [...]” (Tereza, 28 anos, Roda A). Ana Maria de Moraes Sarmiento Vellasco (2000, p. 126) assinala que todos somos capazes de citar diversos provérbios, “e se nos perguntarem onde os aprendemos, a não ser que os tenhamos ouvido amiúde de alguém, dificilmente seremos capazes de responder. Mas todos sabemos em que ocasião empregá-los e como nos podem favorecer”. Nas rodas de provérbios, a partir dos objetivos da pesquisa, os participantes buscavam em suas memórias as situações, dialógicas ou não, em que ouviram os provérbios e nesse processo aparecem figuras centrais, como a mãe, a tia, a avó entre outras.

2.2 Provérbios como experiência intergeracional

Na sistematização e análise das rodas de provérbios, a categoria *experiência intergeracional* surge relacionada à ideia do provérbio como algo de outro tempo, outra geração, coisa de gente mais velha, ou seja, na visão de alguns participantes, os provérbios são coisas do passado e remetem a um tempo distante, como dito por Beatriz (48 anos, Roda A): “Os provérbios fizeram bastante parte da minha infância, parecia que era algo

comum na sociedade. Historicamente, naquela época, as pessoas usavam muito provérbio. [...] Não uso mais. Hoje em dia também vejo poucas pessoas usando [...]”.

Para Brito e Santos (2016, p. 275), os provérbios “representam, além da sabedoria popular, a sabedoria acumulada ao longo da vida, onde a experiência é compartilhada e transmitida ao longo dos anos e através das gerações, como uma espécie de ‘receita da vovó’ para a vida cotidiana e situações difíceis”. Vellasco (2000, p. 139) vai mais longe, observando que o/a interlocutor/a sabe que está utilizando a voz da experiência intergeracional, pois “ao usar provérbios, os falantes geralmente introduzem-nos no contexto, por meio de expressões tais como: como diz o ditado...; como dizia a minha avó...; tem um provérbio que diz...; como todo mundo sabe...; há um dito que diz que..., e assim por diante”. A autora denomina essas expressões como “introidos proverbiais”, explicando que seus usos têm a intenção de chamar a atenção para a *verdade* que será dita.

Em nossa discussão coletiva das rodas, constatamos que, para além de uma representação do passado, os provérbios continuam a surgir de forma inédita ou com adaptações. Como exemplo, podemos citar que no curso de Especialização, onde aconteceu a Roda A, a expressão “Quem vê close, não vê corre” apareceu. Em um primeiro momento, desconhecíamos o que foi apresentado como um provérbio, mas ao pesquisar, identificamos como uma das frases de uma música³. Diante do achado de pesquisa, constatamos que, por sua dinamicidade, apesar de os provérbios surgirem com um autor, através dos tempos, este se populariza e se incorpora às relações, circulando muitas vezes na oralidade e, ao assumir um caráter interativo, a fonte inicial vai se perdendo. É possível, a partir de pesquisas, identificar o autor ou, pelo menos, o contexto de sua construção, mas alguns provérbios podem perder definitivamente o seu formato original. O trecho da música citado, no contexto da fala, foi colocado com as características de um provérbio, mostrando que eles se atualizam na boca do falante e, em geral, possuem ritmo e sonoridade.

Vellasco (2000) ressalta que há uma tendência de revitalização de provérbios, dando um novo significado, até mesmo em sentido contrário e, para exemplificar, cita um conjunto de provérbios: “Depois da tempestade vem a bonança; Quem espera sempre alcança”; entre outros que foram metamorfoseados em: “Depois da tempestade vem o

³ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/enme/big-street/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

lamaçal; Quem espera desespera”. Com base nos pressupostos de Gréssillon e Maingueneau (1994), a autora assevera que essa prática de revisitar provérbios é referida como *détournement*, traduzida por ela como *retomada*, “um precedente discursivo, que consiste em produzir um enunciado com as mesmas marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas que não faz parte do estoque de provérbios tradicionais conhecidos” (Velasco, 2000, p. 149). É necessário pensar *as franjas* das palavras que constituem um provérbio e Bakhtin; Volóchinov (2002) ajuda a compreender que o contexto de produção do discurso tem papel significativo e que é a história de vida dos envolvidos no diálogo que autoriza ou não a classificação da expressão como metafórica, ou intraverbal, interação e resposta entre as vozes.

2.3 Provérbios - metáfora e polifonia

Pensar *metáfora* nos leva aos estudos bakhtinianos em seus conceitos de autoria, heteroglossia e *polifonia*. A heteroglossia refere-se à multiplicidade de vozes presentes na linguagem. O discurso não é uma atividade isolada, mas um processo interativo e social, ou seja, é polifônico, no qual várias vozes coexistem e interagem na comunicação humana, respondem e se ajustam, formando uma dinâmica complexa de significado e entendimento. Para uma das participantes da Roda A, o uso da metáfora coloca o provérbio em uma condição de que o sentido *não vem dado*, há a necessidade de interpretação, de apropriação pelo ouvinte, “trazer para a realidade concreta”. Ana Cristal (28 anos, Roda A), ao receber um provérbio, o lê e reflete sobre ele:

O meu provérbio foi “A esperança é o pilar do mundo”. [...] Uma coisa que eu me atentei é que quando eu vou pensar sobre o provérbio, eu sempre tento ir para um pensamento tentando interpretar de uma forma concreta. Então eu penso “o que é pilar?”, pilar é aquilo que sustenta, que mantém a estrutura firme [...]. A esperança é essa força que faz com que as coisas continuem e que não parem. Entender a esperança também não como um lugar de espera passiva, mas um lugar de espera ativa, [...]. Então eu saio desse lugar confortável e me coloco num ativo, para agir e esperar. É a esperança de uma forma ativa [...].

O relato da participante aponta para o movimento em uma busca de sentidos produzidos. Ela contextualiza, toma para si aquilo que é um objeto da cultura em um movimento que se caracteriza por um processo de encontro consigo mesma, de modo a

provocar uma resposta que ela define como trocar de lugar cômodo para um “ativo, para agir e esperar. É a esperança de uma forma ativa”.

Hudinilson Urbano (2008, p. 38) nos convida a pensar na origem dos provérbios, que no ato de sua criação se refere a uma situação concreta, “depois é usada em situações semelhantes e ainda com algum sentido mais ou menos denotativo. Em seguida, é empregada em eventos em que a ideia original funciona, mas a situação e os referentes já estão bastante distanciados”. O autor conclui: “com efeito, ideada em situação popular concreta, o próprio povo alarga seu sentido e situações de uso, dificilmente podendo-se recuperar sua origem particularizada” (Urbano, 2008, p. 39). As participantes Denise e Tamiris receberam o mesmo provérbio disparador: “O vento não quebra uma árvore que se dobra”.

Quando eu recebi, eu também não conhecia e eu não sei se entendi exatamente como ele é, mas quando li, bateu muito forte em mim pelo momento que eu estou passando no trabalho. [...] Parece que ele foi direcionado para mim. [...] Às vezes a gente precisa respirar e se segurar e ter muita paciência, porque senão [...] a gente vai quebrar, e não vai dar, assim como a árvore no provérbio. A gente vai quebrar e não vai conseguir atingir o nosso objetivo (Denise, 37 anos, Roda A).

Denise apresenta uma leitura do provérbio como exercício de autorreflexão que materializa um alerta, um autocuidado. Ela acena a leitura do provérbio como um alarme, um *despertar* para uma nova forma de responder a uma situação que está vivenciando. Tamiris afirma que a leitura do provérbio também a levou a um cuidado de si.

Quando eu li esse provérbio eu fiquei bem pensativa na realidade, porque me lembrou um momento que eu tenho passado [...] e eu penso que uma árvore que não se quebra com o vento é uma árvore que tem uma raiz forte e que é maleável ao mesmo tempo. [...] Então, assim, ela precisa ter uma raiz forte, precisa ter pessoas, diferentes visões para ela conseguir passar por aquilo dali. [...] Persistindo, indo adiante, continuando naquilo dali que você acredita, no que você quer para você [...]. Um dia você vai chegar lá [...] (Tamiris, 26 anos, Roda A).

Ao apropriar-se do provérbio, Tamiris mergulha no vivido, insere-se na reflexão, mas faz a narrativa em terceira pessoa, bem como faz afirmativas positivas como se cuidasse de si mesma. Nesse exercício, rememora outro provérbio e enfatiza a persistência e maleabilidade como caminho para enfrentar as situações do dia a dia.

Na narrativa das participantes, em um movimento dialógico com o pesquisador, a leitura do provérbio configura-se em uma compreensão no sentido bakhtiniano (1997) e apesar de o provérbio não compor suas memórias de situações de cuidado, no diálogo, ambas se apropriam dele e lhes atribuem um caráter cuidadoso de si mesmas e de suas relações.

Fátima e Elisa comentam que os provérbios fazem parte de sua história pessoal e que hoje são transmissoras deles:

Quando acontecia alguma coisa, minha mãe falava “Vingança é um prato que se come frio”, aquelas coisas de família: “Caldo de galinha não faz mal a ninguém”, “Uma mão lava a outra”, “Muito cacique para pouco índio” – quando muita gente queria fazer prevalecer suas ideias –, “A grama do vizinho é sempre mais verde” eu também ouvia demais, porque tudo do amiguinho era melhor, a casa, a mãe, enfim. “Jogue a primeira pedra quem jamais pecou”, e uma coisa que eu ouvia muito em casa era: “O maior tesouro que eu posso deixar para você é o conhecimento” (Fátima, 24 anos, Roda A).

Os provérbios rememorados por Fátima apontam para a sua versatilidade, que vão de argumentos religiosos às instruções motivacionais em seu uso diante da necessidade do adulto de responder, orientar e, ancorado na experiência, legitimar o seu lugar da autoridade, ou seja, nunca fala em seu próprio nome, mas sempre em nome de um velho que prega lição em tom edificante e moralizador (Vigotsky, 2001).

As marcas desse cuidado se fixam e perpetuam sendo reproduzidas consciente ou inconscientemente:

Eu faço isso no meu trabalho, na minha casa, enfim, o tempo todo. Eu tenho uma lembrança de uma memória de infância, como a [...] minha mãe utilizava também para educar, para ensinar, e é uma memória afetiva sobre isso. Talvez seja por isso até que eu use tanto (Elisa, 49 anos, Roda A).

Educar, ensinar, memória afetiva... O jogo de palavras usado por Elisa em sua rememoração nos remete ao alerta feito por Sonia Kramer *et al.* (2005), de que não é possível educar sem cuidar, o que exige responsabilidade.

O relato de Talita, que aproveita a fala de Eliana em sua citação do provérbio “Em casa de ferreiro, o espeto é de pau!”, rememora o conto do vidro sujo contado por sua

mãe que, ao se reportar às suas memórias de uma resposta responsável, ocupa outro lugar, reflete e aconselha:

Então, às vezes, sei lá, você fala de mudar o mundo, você fala muito do outro, mas não olha para si, não percebe que a mudança pode começar em você, que é você que não está seguindo um caminho tão legal. Pensei um pouco nisso e me lembrou diretamente dessa história que a minha mãe contava. Às vezes a gente tá olhando muito para a vida do outro, mas é importante olhar para a sua também, ver qual mudança você pode fazer em você (Talita, 27 anos, Roda A).

Ao ocupar o lugar de narradoras (Benjamin, 1987, p. 205), inicialmente, as profissionais assumem uma narrativa desinteressada “em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório”, mas durante a narrativa passam a assumir o lugar da experiência e dar conselhos. Por outro lado, Denise e Tamiris mergulham os provérbios em suas próprias vidas para, em seguida, retirá-los dela.

Entendido como prática social e cultural em seus modos de transmissão, bem como em sua forma, os provérbios estão submetidos às transformações sociais. No diálogo do grupo de estudantes do ensino médio se presentificam as marcas do tempo presente na circulação do discurso:

Marcos (40 anos): O que está escrito aqui é que “Uma mentira estraga mil verdades”.

Paola (40 anos): Eita! Essa aí vou colocar no meu *status*.

Jennifer (32 anos): Vou tirar uma foto.

Paola: Vou tirar uma foto também.

José (69 anos): A mentira ajuda a viver.

Todos riem. (Roda E).

Colocar nos *status*, tirar uma foto, publicar são meios de circulação do discurso na sociedade atual, que, com a mudança tecnológica, tem construído novas formas de sociabilidade: os meios digitais que informatizam as relações submetendo-as a uma totalidade em que o outro é um qualquer, sem rosto, sem relação, mas conectado. Estarão os provérbios como prática cultural e social em perigo? Para Benjamin (1987, pp. 200-201), na modernidade, “as experiências estão deixando de ser comunicáveis. [...] A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”. Ao apropriar-se dos provérbios os jovens os atualizam e os inserem em seus círculos discursivos.

Os provérbios, como narrativas construídas no imaginário popular, como textos que se movem para frente e para trás, em um movimento de compreensão que se faz no exercício dialógico, apropriam-se do uso de metáforas não apenas como figuras de linguagem que adicionam beleza linguística à comunicação, mas como discurso que está nos lábios de outrem, em contextos outros e a serviço das intenções de outrem (Bakhtin, 2006), ou seja, carregam ruídos, vozes, sentidos, sons e linguagens que são múltiplos e se misturam, (re)constroem, modificam e transformam, encapsulam experiências e conhecimentos em formas concisas e memoráveis, tornando-se ferramentas eficazes, mesmo que inconscientemente, de um cuidado com e na transmissão que mantém vivo esse repertório cultural. E como objeto da cultura, a sua transmissão ocupa lugar de um cuidado, que é resposta responsável contra o apagamento da experiência e da narrativa.

2.4 Cuidado: cuidar é atuar

O *cuidado*, neste trabalho, assume a perspectiva elaborada por Kramer *et al.* (2020) e Pena *et al.* (2024), que, em suas múltiplas dimensões, foi construído a partir da aproximação da filosofia do diálogo de Buber. Para este autor, o diálogo se constitui na relação com o outro, e pode ser autêntico – em que há presença, reciprocidade e escuta do outro –, ou técnico – impelido pela obrigação de entendimento objetivo (Buber, 2009). Além desses, há o monólogo disfarçado de diálogo, em que o outro não é considerado. Nesse sentido, o cuidado compreendido como prática social e cultural é definido em quatro categorias de pesquisa: (i) cuidado autêntico; (ii) cuidado técnico; (iii) descuido; (iv) descuido disfarçado de cuidado.

Assumimos que investigar as marcas de cuidado nos usos de provérbios remete, portanto, à busca das relações e interações que, alicerçadas na cultura pela linguagem, estruturam a formação histórico-social dos sujeitos que, enquanto indivíduos, se constroem e reconstroem em um exercício dialógico que é cuidado. O cuidado é sustentado pelas relações dialógicas como premissa para uma existência que seja, sobretudo, resposta responsável ao tempo e ao lugar em que vivemos.

A categoria *cuidado* assume centralidade neste texto e, por sua complexidade ao abarcar as relações e interações entre pessoas em um movimento dialógico, está dividida em três subcategorias: *cuidado com a transmissão* – refere-se à transmissão, dando aos

ouvintes a possibilidade de construção de sua própria experiência; *cuidado na transmissão* – como movimento de deixar ecoar as diferentes vozes e perspectivas que constituem a autoria e polifonia dos provérbios como prática social e cultural; e *transmissão como cuidado* – a partir da perspectiva de que cuidado exige presença, reciprocidade e escuta do outro. A análise dessa transmissão se caracteriza como exercício de compreensão do diálogo, que sistematizado nas transcrições implica compreender, significando, nos pressupostos de Bakhtin (1997), comparar com outros textos e refletir sobre um novo contexto, quer seja no próprio contexto, no contexto contemporâneo ou no contexto futuro.

2.4.1 Cuidado com a transmissão

Cuidado é resposta ao que nos é dado ver (Buber, 2009), constrói-se historicamente nas relações entre os seres humanos, portanto, é uma prática social. Nas narrativas analisadas percebem-se diferentes contextos de transmissão e produção de provérbios. Os provérbios carregam a experiência acumulada de gerações, entrecruzando presente, passado e futuro; os narradores se apropriam e, ao narrar, diferentes vozes ecoam.

Abordar a transmissão de provérbios como uma prática cultural acena para a importância do cuidado com essa transmissão. É fundamental que a forma de transmiti-los não esteja comprometida por uma interpretação única ou uma visão unilateral, mas é preciso que ouvinte e narrador se envolvam e se abram na coconstrução, transmissão e ressignificação de sentidos que são contextuais e contextualizados.

A autoria na abordagem de Bakhtin (1997) contrasta com a visão mais tradicional, pois não se refere a um indivíduo isolado, mas a um processo coletivo e interativo em que cada discurso é uma resposta a discursos anteriores e uma antecipação de possíveis respostas futuras. A narrativa de Joana (41 anos, Roda A), ao apresentar o provérbio que recebeu, aponta para um cuidado com a transmissão:

O meu foi: “Não chame a floresta que o abriga de selva”. Eu não conhecia [...], mas imediatamente, quando eu li, me veio à cabeça outro ditado, que é “Não cuspa no prato que comeu”, que eu acho que fala sobre gratidão, sobre honra, sobre dar valor. Em relação aos ditados, a

minha avó é nordestina, então ela falava bastante dentro de casa. Tenho essa percepção de que é uma cultura forte do Nordeste [...].

A participante faz um movimento circular e, usando o provérbio disparador, aciona outro de seu próprio repertório a partir da experiência, acompanhado da memória do outro sujeito da relação que a apresentara aos provérbios: a avó.

Por outro lado, Marcela (24 anos, Roda A) traz o conflito e a dimensão interpretativa dos provérbios e, a partir de seu contexto, avalia que, neste momento, tal provérbio *não combina*.

O provérbio que eu fiquei foi “Ninguém testa a profundidade de um rio com ambos os pés”. Assim que eu li, eu dei uma travada, porque eu entendi, mas não senti que era um provérbio bom [...], porque ele para a gente. [...] Quer dizer que eu estou acelerada demais e estou indo muito rápido, então não bateu [...] para mim. Aqui a gente vai discutindo, falando, lendo e está sempre com vontade de ir, lutar, vamos fazer assim, vamos fazer assado, [...] e aí eu ler esse provérbio me fez pensar que não combina [...].

A fala é sempre contextual, portanto, a transmissão de provérbios é uma atividade profundamente contextualizada, em que os significados são moldados pelas experiências sociais e culturais específicas de quem os transmite e recebe. Tal concepção se materializa na fala de Marcela que, em sua interpretação, aponta para uma contradição que manifesta desconforto.

Os provérbios são provenientes da cultura oral e apoiados no conhecimento tradicional. Vellasco (2000) enfatiza que essa sabedoria não deve ser confundida com a verdade absoluta, com apenas um significado, uma verdade transcendental. Ao contrário, muitos provérbios podem ser contrariados, como: “Faltando familiaridade, falta amizade”, que pode ser encontrado como: “Acaba a amizade, quando começa a familiaridade”. “Assim sendo, compreende-se que, na discussão, os provérbios são estratégias pelas quais os indivíduos tentam perseguir uma direção de argumento” (Vellasco, 2000, p. 145). Para a autora, é importante que o dado seja contextualizado, pois a função de um provérbio não pode ser apreendida pela tradução literal do enunciado. Ao pensar o seu contexto, Marcela fez a interpretação inicial, afirmando que, na interação, percebeu o quanto foi provocada a voltar-se a si mesma.

Mas, aí, eu fui absorvendo, entendendo, tentando extrair um pouco mais. Eu concordo e discordo com ele e vou tentar explicar um pouco. [...] Então acho que esse provérbio tem que ser usado com cuidado. Acho que é um provérbio que vale para a vida, mas não para todas as situações [...] (Marcela, 24 anos, Roda A).

Como prática social, um provérbio pode ter uma dimensão positiva ou negativa diante de uma problemática pessoal, pois “personifica uma mensagem social, muitas vezes com mais de um significado. Ao nomear um problema recorrente, um provérbio sugere soluções sob negociação” (Velasco, 2000, p. 146). As *vozes sociais* estão presentes e exercem influências sociais, culturais e ideológicas que moldam o discurso de uma pessoa. Ao falar, um indivíduo incorpora essas vozes sociais, tornando o discurso sempre um diálogo com outras vozes presentes na sociedade.

Convém destacar a presença majoritária de mulheres na Roda A, cujas experiências rememoradas também apontam, em sua maioria, para a atuação das mulheres na formação social e cultural das participantes. Andreia (44 anos), contextualizando sua fala, relaciona seu provérbio à importância da mulher e seus papéis sociais.

O meu provérbio foi “Se todas as teias de aranha se unem, elas podem amarrar um leão”. Eu fiz a associação com “A união faz a força”, “Uma andorinha só não faz verão” [...]. Esse provérbio me remete a vencer desafios [...], ao feminino por conta da teia da aranha frear o leão. [...] Sobre o papel que as mulheres têm, essa teia que elas vêm tecendo há anos [...], nosso papel na sociedade e como a gente é vista, tudo o que a gente carrega, muitas vezes é o que faz a gente desistir das nossas vontades e dos nossos desejos. Isso de uma teia unida me lembra muito das mãos dadas, ninguém larga a mão de ninguém [...].

Tânia (48 anos, Roda A) recebeu o mesmo provérbio e complementa a reflexão se reportando aos provérbios por ela acrescentados: “Eu pensei exatamente nos outros [...] ‘A união faz a força’ e ‘Uma andorinha só não faz verão’. Acho que esse provérbio resume bem [...]”. Para Strassacapa (2015, p. 45): “os provérbios possibilitam uma reflexão por meio de conteúdos implícitos favorecendo o leitor a compreendê-los melhor e relacioná-los ao contexto histórico e fatos do cotidiano”.

A transmissão de provérbios contribui para a preservação da cultura e a socialização, ou seja, há uma diversidade de vozes e experiências na transmissão cultural. Além de receber e transmitir provérbios, as gerações mais jovens também podem

contribuir para a criação de novos provérbios que refletem suas experiências e perspectivas únicas. Desafios podem ser superados, especialmente em contextos em que há mudanças significativas nas condições sociais, econômicas ou tecnológicas, como vimos no exemplo dos jovens, que na busca por compreender os provérbios externalizam sua dinâmica de transmissão contextualizada na frase “postar nos *status*”.

2.4.2 Cuidado na transmissão

A transmissão de provérbios exige cuidado como dimensão da prática social, que como tal é relação e exige reciprocidade e presença, considerando movimentos de alteridade e singularidade, pois parte do reconhecimento do outro como coparticipante do diálogo e da vida, da capacidade de ler os seus sinais e seguir a linha tênue da sua subjetividade. A mediação cultural tem grande importância, na visão de Vygotsky (2001), e o papel da cultura serve como processo de aprendizagem. Desse modo, a difusão de provérbios é um exercício de transmissão de significados culturais, valores e tradições de uma geração para outra e das gerações entre si, e envolve não apenas a comunicação de palavras, mas também a transferência de significados, sentidos e valores culturais.

Cada provérbio carrega consigo uma riqueza de interpretações e implicações que são transmitidas de uma geração para outra. Tais considerações podem ser observadas nas falas dos/as entrevistados/as, como, a de Aline (32 anos, Roda A):

A relação mais próxima que eu faço desse provérbio é esse, que também era um dos que eu mais escutava a minha mãe falar, porque eu sou uma pessoa um pouco impulsiva. [...] Minha mãe falava: “Você não vai ser a salvadora da pátria”, então essas coisas de injustiça, de sempre estar querendo me colocar, às vezes não é o momento certo para você colocar [...].

Ao rememorar a relação com sua mãe, Elisa (49 anos, Roda A) coloca a citação do provérbio como mediadora em sua formação pessoal, bem como assinala o quanto foi afetada pelo seu uso na relação mãe-filha.

Eu vou falar primeiro um pouco sobre a minha relação com provérbios. Eu escuto provérbios desde que eu me entendo por gente, porque a minha mãe sempre usou muito. Apesar dela já ser falecida, eu carrego isso comigo e uso o tempo todo e tenho muitas amigas que morrem de

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67118p, abril/jun. 2025

rir por causa disso, [...] estou sempre fazendo uma relação com algum provérbio [...]. Eu tenho uma lembrança de uma memória de infância [...], minha mãe utilizava também para educar, para ensinar, e é uma memória afetiva sobre isso. Talvez seja por isso até que eu use tanto.

A rememoração coloca a mãe proverbista no lugar daquele que tem a autoridade para uma lição, um conselho, um alerta e acena para as questões geracionais entre o jovem e o adulto. Todavia, passada a juventude, ao rememorar, Elisa replica o olhar benjaminiano para esse adulto-filisteu, quando o próprio Benjamin (2002) comenta que, nos arroubos da juventude, trouxe em um ensaio argumentos contra a palavra “experiência”. Contudo, na adultez a palavra tornou-se um elemento central de sustentação de suas ideias. Explica, ainda, que permaneceu fiel às suas questões, pois a ofensiva não aniquilou a palavra “experiência”.

Tanto para Benjamin quanto para Elisa, o lugar do adulto é agora o lugar do sábio, aquele que está autorizado a dar conselhos. Roberta (47 anos, Roda A) reafirma esse lugar da experiência como o lugar da autoridade do adulto e faz um percurso geracional dos provérbios em sua família – avó-mãe-filha.

A minha avó morou com a gente durante muitos anos, até falecer, e eram muitos provérbios. Minha avó e minha mãe. Eu lembro de vários. Lembro de um que a minha avó gostava de falar: “Macaco senta no próprio rabo para falar do rabo dos outros”. Quando falou do camelo, eu me lembrei desse. Um que a minha mãe sempre falava eu falo até hoje com minhas filhas: “Bezerro manso mama em toda teta”, então se a gente for no sapatinho, a gente vai longe.

Por seu aspecto simples e abrangente, o provérbio propicia a discussão de temas variados. Para Brito e Santos (2016, p. 272), “sua ampla utilização nas diversidades de contexto do povo brasileiro representa elementos constitutivos da nossa identidade cultural e regional, apontando para a pluralidade que envolve o território nacional”. Para outra participante, o provérbio pode servir para as estratégias cotidianas:

O meu provérbio é “Um pouco de chuva a cada dia encherá os rios até transbordarem”. O que eu fiquei refletindo [...], quando eu tenho que lidar com algo muito grande [...]. Eu tento dividir em pequenas metas até chegar ao objetivo. [...]. Isso da gente pensar que para o rio transbordar a gente vai ter que ver chover a cada dia é algo muito bonito, porque fala um pouco do poder da nossa ação no cotidiano, dessa micropolítica, dessa força que a gente tem no dia a dia, nas pequenas

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67118p, abril/jun. 2025

coisas, e que essas pequenas coisas vão acontecendo para um macro acontecer (Nathália, 27 anos, Roda A).

Strassacapa (2015, p. 34) explica que, na vertente interacionista, a linguagem é centrada historicamente, moldada por ideologias que se entrecruzam de forma dialógica, resultante, nos pressupostos de Bakhtin (2006), de um processo criativo dos usuários, materializado pelas enunciações efetivadas entre os falantes. “Nestas enunciações, consideram-se os interlocutores, os objetivos pretendidos e o momento da produção, buscando adequar as operações discursivas ao contexto e ao ouvinte/leitor” (Strassacapa, 2015, p. 37).

A língua é viva e o provérbio, como exercício da palavra, tem sua gênese na figura da mulher, segundo apontam as/os participantes da pesquisa. A memória dos provérbios, seja em movimento de exortação, aconselhamento, orientação e cuidado, que é educação, é cultural e, em sua maioria, associada à mãe, avó, tia. As relações e interações familiares atuam na formação subjetiva do sujeito para uma vida em comunidade, estruturada em princípios éticos e estéticos. Isso passa pela educação familiar, constituindo uma relação educativa e uma relação cuja finalidade é a formação (Buber, 2004), implicando responsabilidade e atualidade, que é atuação no encontro com outro, abrindo-lhe a possibilidade de encontro consigo mesmo e com o outro. Nessa relação, a educação é compreendida como responsabilidade com o outro, que é relação e só pode acontecer onde há abertura e confiança (Pena, 2019).

2.4.3 Transmissão como cuidado

Cuidar não se restringe às necessidades fisiológicas ou à segurança física ou emocional. É ato que toca o outro e o revela, revela o que nele existe. A singularidade desse cuidado o faz único, na mesma medida em que nos conecta como humanos, pois é através do cuidado que nos humanizamos (Boff, 1999). Ao compartilhar essas expressões através do discurso, gerações diferentes se conectam, proporcionando uma sensação de continuidade e pertencimento. Conforme apropriam-se desse repertório cultural, pode haver mudanças na linguagem e no significado, tais como a reinterpretação de expressões ou novos significados podem ser adquiridos como reflexo da evolução da linguagem e da cultura. Tal atualidade remete ao conceito de autoria, na perspectiva bakhtiniana, em que

não é atribuída a um único indivíduo, mas distribuída entre os participantes do discurso. Isso exige, portanto, deslocamento de lugares de enunciação a partir da apropriação de vozes sociais. Para Bakhtin (1997), a autoria tem natureza dinâmica, coletiva e responsiva do discurso.

A minha mãe tem muito costume de sempre falar e eu pergunto de onde ela tirou isso. Minha mãe sempre falou comigo, principalmente como estímulo para a minha formação e vida acadêmica: “Deus ajuda quem cedo madruga”. Então, sempre incentivando mesmo a ter garra, a buscar os meus objetivos, a não ter preguiça e não desanimar. Um provérbio que eu gosto também é: “De grão em grão a galinha enche o papo” (Francisca, 33 anos, Roda A).

A *transmissão como cuidado* implica considerar a heteroglossia, polifonia e autoria dos participantes do diálogo, a fim de superar o desafio de um monólogo disfarçado de diálogo, em que o outro não é considerado. Cuidado e provérbio destacam a responsividade como característica fundamental do discurso, surgem como respostas a situações específicas, desafios ou questões, demonstrando a natureza responsiva da linguagem, a recepção e a compreensão do outro podem abrir novas questões ou produzir outras respostas. É preciso abertura à diversidade de significados e interpretações possíveis, que refletem vozes culturais e sociais que contribuíram para a sua formação.

Ana Liz (43 anos, Roda A), a partir da escuta dos outros, relata que: “A minha mãe falava bastante. Vários dessa noite foram novidade para mim, mas vários outros eu conheço. Não sou muito de falar provérbio, mas eu sempre tenho na cabeça”. Pensar a autoria dos provérbios implica reconhecer que não são produtos individuais, mas manifestações complexas de diálogo cultural e interação social ao longo do tempo. Cada provérbio é uma voz coletiva e cultural, ecoando experiências compartilhadas e coletivas. Ao narrar ou citar um provérbio, o que está em jogo é a relação entre os seres humanos na busca de caminhos que preservem e reafirmem sua identidade. É na interação com o outro, em práticas dialógicas, que se manifesta um cuidado autêntico, entendido como interesse pelo outro, não indiferença, responsividade que ultrapassa o momento vivido.

Nos eventos a seguir, realidades distintas têm em comum o diálogo com provérbios. As participantes rememoram situações de cuidado, mediadas por provérbios.

O meu provérbio [...]: “Se sua língua transformar-se em faca cortará a sua boca”. Eu nunca tinha ouvido esse provérbio [...]. Eu costumo falar sempre [...]. Acho que a gente fala sem nem perceber [...], já está tão entranhado na nossa cultura. Mas o que eu entendi desse é que às vezes a palavra pode ferir, e às vezes quando a gente fala coisas ruins ou quer usar a palavra para ferir alguém, acaba se ferindo, [...] sofrendo mais até do que atingindo o outro [...]. Eu fiz a relação com o “Quem com ferro fere com ferro será ferido”, acho que tem a mesma estrutura ali [...] (Cláudia, 37 anos, Roda A).

A afirmativa de Cláudia diz que provérbio é parte de sua cultura familiar. Para Tainá, é um costume que sua família não adotou. Denise define como um hábito que também não se construiu em seu ambiente familiar.

Quando eu li esse provérbio eu pensei logo também – apesar de na minha família a gente não ter o costume de usar provérbio – mas eu pensei naquele que é: “A dúvida é o princípio da sabedoria”. Eu até tentei lembrar quem falou isso, porque é uma fala e não um provérbio. (Tainá, 22 anos, Roda A).

Na minha família, a gente não tem o hábito de usar provérbios, apesar de eu conhecer alguns, como o “Casa de ferreiro, espeto de pau”. (Denise, 37 anos, Roda A).

Denise (37 anos, Roda A) relata que seu pai faz uso dos provérbios como dinâmica com trabalhadores e conclui acenando para a sua percepção de que estes possibilitam que as pessoas pensem de outra forma: “O meu pai usava provérbio no trabalho [...]. Ele gostava de inverter os provérbios. [...]. Ele invertia os provérbios e analisava junto com os outros trabalhadores de lá [...]. Em vez de ser ‘Casa de ferreiro, espeto de pau’, era ‘Casa de pau, espeto de ferreiro’ [...]”.

Quando entendemos a cultura como produção histórica de grupos diversos, em suas trajetórias e experiências com línguas, tradições, valores e costumes, bem como conhecimentos culturais, repertórios, acervos de determinado povo, país ou pessoa, afirmamos que ela engloba formas de vida que constituem e são criadas por crianças, jovens e adultos. Além de serem produções necessariamente no plural, ou seja, mesmo que digamos ou escrevamos cultura, estamos, portanto, supondo culturas. Ao transmitir provérbios estamos construindo caminhos para uma sociedade que pensa a si mesma pela arte, pela literatura, pela oralidade, pela narrativa na interação entre os seres humanos.

Algumas considerações

Finalizamos retornando ao começo, observando que os provérbios emergem do contexto, imprimindo sabedoria e propiciando reflexões. Compreendemos que o gênero de discurso, discutido neste artigo, está inserido na cultura na qual se manifesta, revelando uma memória criativa, que carrega conquistas e descobertas do ser humano, enquanto sujeito sócio-histórico. O estudo em questão aponta para outras dimensões que podem ser estudadas ao abordar a transmissão de provérbios como movimento dialógico de preservação da memória, diálogo intergeracional, resistência e preservação de tradições culturais.

As narrativas sobre os provérbios escutados na infância revelaram diversos contextos, ações, costumes e ressignificações dentro do ambiente familiar dos participantes, onde o uso de tais narrativas se mostrou comum, desempenhando um papel fundamental na formação subjetiva do indivíduo para viver em uma comunidade. Ao recordar os provérbios durante as rodas de conversa, foi possível observar um movimento de exortação, aconselhamento, orientação e cuidado, elementos fundamentais na educação e cultura. Esses provérbios são, na maioria das vezes, associados às figuras femininas, como mães, avós e tias.

Abordar a transmissão de provérbios como uma prática cultural destaca a importância do cuidado durante a transmissão. A fala é sempre contextual e contextualizada e, portanto, a transmissão de provérbios se apresenta como atividade profundamente enraizada nas experiências sociais e culturais específicas de quem os transmite e recebe. As *vozes sociais* presentes nas memórias dos participantes exerceram influências que moldaram o discurso de cada um. A lembrança dos provérbios não só preserva a tradição, mas promove também um encontro significativo entre as gerações, em que a educação e a cultura se entrelaçam, reforçando a importância do diálogo aberto e da confiança mútua na transmissão de saberes.

Nas narrativas, a transmissão de provérbios foi compreendida como processo de aprendizagem no qual os mais jovens tanto aprendem com os mais velhos, como fazem uso dos provérbios em situações coletivas com seus pares, assumindo responsabilidades de contribuir para a coesão social e reforçando os laços que desenvolvem um sentimento de comunidade. O cuidado, sob uma perspectiva ética, busca recuperar o que foi

destruído. Rememorar os provérbios preserva a tradição e se configura como um ato de resistência e cuidado. Narrar tais sabedorias acumuladas e transmiti-las às novas gerações promove a continuidade cultural e fortalece os laços intergeracionais, valorizando a voz da experiência e a importância de não esquecer o passado.

A proposta de escutar os provérbios e analisar o contexto de sua produção, em busca das marcas de cuidado, é fundamentada na abordagem deste trabalho, pois percebemos o sujeito nas relações como alguém que participa ativamente, utilizando a palavra para negociar, alterar e ser alterado pelo meio social em que está inserido. A escuta dos/as participantes das rodas de conversa se dá em um movimento dialógico, no qual a metáfora emerge como uma categoria relevante. Este trabalho buscou entender as relações de cuidado que se revelam quando os ouvintes compreendem que esses provérbios oferecem conselhos, atitudes, modos de proceder ou convites à reflexão. Cada provérbio apresenta em sua estrutura uma relação entre seres humanos produtores de cultura.

Ao analisar os provérbios e as relações de cuidado que eles revelam, reconhecemos a importância de um diálogo autêntico e recíproco, que valoriza a presença e a escuta do outro. A transmissão dos provérbios não é apenas um ato de comunicação, mas uma prática cultural que reforça os laços sociais e a compreensão mútua. A categoria *cuidado* assume centralidade na análise aqui apresentada, devido à sua complexidade em abarcar as relações e interações entre pessoas em um movimento dialógico.

O *cuidado como transmissão* refere-se à passagem dos provérbios, permitindo aos ouvintes a possibilidade de construir suas próprias experiências. O *cuidado na transmissão*, por sua vez, implica deixar ecoar as diferentes vozes e perspectivas que constituem a autoria e a polifonia dos provérbios como prática social e cultural. A transmissão de provérbios exige cuidado como uma dimensão da prática social, uma vez que a relação exige reciprocidade e presença. O *cuidado na transmissão* implicou considerar a heteroglossia, a polifonia e a autoria dos participantes do diálogo, superando o desafio de um monólogo disfarçado de diálogo, em que o outro não é considerado. Tanto o cuidado quanto os provérbios destacam a responsividade como característica fundamental do discurso. Se os provérbios surgem como respostas a situações específicas, desafios ou questões, demonstrando a natureza responsiva da linguagem, a recepção e compreensão pelo outro podem abrir novas questões ou produzir outras respostas.

Em uma perspectiva ética, cuidar não se restringe, portanto, às necessidades fisiológicas ou à segurança física ou emocional. É um ato que toca o outro e o revela, mostrando o que nele existe. A singularidade desse cuidado o faz único, ao mesmo tempo que nos conecta como humanos. Assumimos que investigar as marcas de cuidado nos usos de provérbios remete à busca das relações e interações que, alicerçadas na cultura pela linguagem, estruturam a formação histórico-social dos sujeitos. O cuidado é sustentado pelas relações dialógicas, sendo uma premissa para uma existência que responda responsabilmente ao tempo e ao lugar em que vivemos.

Rememorar é, portanto, um ato dialógico em que narrador e ouvinte entram em relação, tocando aquilo que neles se revela como encontro, possibilitando a ruptura com estereótipos e preconceitos. A análise das lembranças provocou acontecimentos nos quais os provérbios foram citados, revelando marcas de cuidado estabelecidas em diálogo, que é atuação e resistência, essencial para o enfrentamento de situações de desigualdade, discriminação e violência. Como o diálogo, o cuidado como lembrança busca resgatar o que foi (quase) destruído ou esquecido – sejam línguas, histórias, músicas, brincadeiras, ditos ou provérbios – tornando esses repertórios culturais presentes novamente e, assim, revitalizando a memória coletiva e individual.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Priscila Piquera; FERNANDES, Luiz Carlos. A dupla função do provérbio: reiteração do mesmo e a imposição da subjetividade em gêneros discursivos do cotidiano. *In: Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários*. 2009. Maringá. *Anais [...]*. Maringá: [s.n.], 2009. pp. 1.965-1.973.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In: BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. pp. 277-288.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In: BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Prefácio Roman Jakobson. Apresentação Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Tradução Celeste Ribeiro de Sousa *et al.* São Paulo: Cultrix, 1986.

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas I*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: obras escolhidas II*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: sobre a criança, o brinquedo e o brincar, a educação*. Tradução Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRITO, Jussara de Souza Mendes de; SANTOS, Katiana Kruschewsky Coutinho. Provérbios, da cultura popular à terapia comunitária. *RTES – Temas em Educação e Saúde*, v. 12, n. 2, pp. 266-276, jul./dez. 2016.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. Tradução e introdução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- BUBER, Martin. *El camino del ser humano y otros escritos*. Traducción Carlos Díaz. Salamanca: Kadmos, 2004.
- BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. Tradução Marta E. S. Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BUBER, Martin. *O caminho do homem segundo o ensinamento chassídico*. Tradução Claudia Abeling. São Paulo: Realizações, 2011.
- CORRÊA, Carla Regina. *Discurso proverbial: a reafirmação do preconceito contra a mulher?* 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda Rezende; PENA, Alexandra. Crianças, ética do cuidado e direitos: a propósito do Estatuto da Criança e do Adolescente. *Educação e Pesquisa*, v. 46, e237202, 2020.
- KRAMER, Sonia et al. (org.). *Profissionais de educação infantil: gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.
- MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna*. Fortaleza: Edições UFC, 2012. v. 1.
- PENA, Alexandra Coelho. Toda vida atual é encontro: contribuições de Martin Buber para a educação. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 42, pp. 506-513, 2019.
- PENA, Alexandra Coelho et al. “Perder a cabeça não faz parte do ofício”: concepções de cuidado nas narrativas de profissionais da educação. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, pp. 503-523, 2024.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Walter Benjamin: para uma nova ética da memória. *Revista Educação: Biblioteca do professor – Benjamin pensa a educação*, São Paulo: Segmento, n. 7, pp. 48-59, mar. 2008.

STRASSACAPA, Araceli. *Provérbios na escola e na vida: uma visão discursiva*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 4, pp. 122-160, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

URBANO, Hudinilson. Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares. *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, v. 21, n. 2, pp. 31-56, 2008.

Recebido em 11/06/2024

Aprovado em 21/03/2025

Declaração de contribuição dos autores

Declaramos que os três autores, Rejane Brandão Siqueira, Edson Cordeiro dos Santos e Jennifer Pena Vasconcellos da Silva, participaram ativamente da escrita deste manuscrito, com contribuições substanciais na concepção do projeto, análise e interpretação dos dados; na redação e revisão do trabalho, com modificações críticas relevantes; aprovação final do manuscrito a ser publicado e responsabilidade pelos aspectos do texto, garantindo sua exatidão e integridade. Os três autores dividem igualmente os créditos pelo processo de elaboração do texto, sua escrita ativa, o processo de revisão anterior e pós pareceres e, por fim, a revisão final que aqui é apresentada.

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo apresenta uma perspectiva de estudo relevante sobre a temática dos enunciados proverbiais, com significativa contribuição para a área dos estudos do discurso. Porém, quanto ao referencial teórico para a abordagem do provérbio, devo dizer que não é suficientemente aprofundado e atualizado, considerando a existência de uma disciplina científica voltada ao estudo e descrição dos enunciados proverbiais: a Paremiologia, cujo objeto de estudo são as parêmias ou provérbios. Indico ao (s) autor (es), alguns estudos

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67118p, abril/jun. 2025

na área que podem enriquecer o trabalho, caso sejam acatadas as sugestões aqui descritas, particularmente, quanto à diversidade terminológica, em alguns casos, ultrapassadas, como a designação de "Refrão":

CHACOTO, L. O Lugar dos provérbios na lusofonia. In.: DIMITROV, P. P. (Org.). Colóquio Internacional "Lugares da lusofonia". Lisboa: Edições Colibri, pp. 161-174, 2010.

CRUZ, T. J. *Os provérbios, a categoria mulher e o protótipo: um estudo sobre fraseologia, categorização e imagem cognitiva*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) Fundação Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, Campo Grande, 2012.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. *Fraseologia Era uma vez um Patinho Feio no Ensino de Língua Materna*. V. 1, Fortaleza: Edições UFC, 2012.

MUNIZ, Andrea Garcia; LALICATA Maria; da CRUZ, Thyago José. (Eds). *Paremiologia: Enfoques Interdisciplinares*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2023.

Quanto às configurações gerais, previstas nas diretrizes do periódico, sugiro:

1. Revisar o uso da pontuação nas palavras-chave;
2. Revisar, conforme as diretrizes do periódico, a primeira vez que um autor for citado: "Ato educativo inclusivo, como propõe Buber (2004), o cuidado se manifesta no agir ético, na direção contrária à esperada de busca ao que foi destruído, esquecido..."
3. Revisar e uniformizar, conforme as diretrizes do periódico, a grafia da citação de datas e páginas:
"Em Experiência e pobreza, Benjamin relata a memória de uma fábula que leu na infância e cita um provérbio para definir o desfecho que o pai havia deixado como legado: a bênção não se esconde no ouro, mas no trabalho".
"Para Bakhtin (1997), "o texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em um ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo com que o texto participe de um diálogo" construído a partir de "etapas da progressão dialógica da compreensão: o ponto de partida – o texto dado, para trás – os textos passados, para frente – a presunção (e o início) do contexto futuro".
4. Revisar na citação com mais de três autores o uso da expressão et al., em itálico em: Kramer et.all. (2020)
5. Revisar a grafia de nomes de autores nas referências:
VALLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 4, 2000.

Recomendações:

O artigo se encontra bem desenvolvido em sua proposta acadêmica, no entanto, visando à abrangência da revista, sugiro que o (s) autor (es) faça uma ampla revisão linguística em todo o texto, observando a estrutura da língua portuguesa no que concerne:

- ao emprego da vírgula: em muitas passagens do texto, a ausência do uso da vírgula produz desvios na compreensão das ideias desenvolvidas;
- à adequação da concordância verbo-nominal: em diferentes passagens do texto é perceptível a ausência de harmonia entre o sujeito gramatical e o verbo;
- ao uso indiscriminado de períodos longos na redação dos parágrafos que, em muitos momentos, dificultam a leitura, perdendo-se, inclusive, o referente textual. Sugiro, neste caso, a reestruturação do parágrafo frasal mediante períodos mais curtos, além do uso de vírgula e conectivos.

- Recomendo a revisão de atribuição equivocada do gênero masculino à estudiosa Ana Maria de Moraes Sarmiento Vellasco em:

“Ele denomina essas expressões como “introitos proverbiais”, explicando que seus usos têm a intenção de chamar à atenção a verdade que será dita”.

“Vellasco (2000) ressalta que há uma tendência de revitalização de provérbios, dando um novo significado, até mesmo em sentido contrário e, para exemplificar, ele cita um conjunto de provérbios: Depois da tempestade vem a bonança; Quem espera sempre alcança; entre outros, que foram metamorfoseados em: Depois da tempestade vem o lamaçal; Quem espera desespera. O autor assevera, nos pressupostos de Gréssillon e Maingueneau (1994), que essa prática de visitar provérbios é referida como *détournement*, traduzida por ele como retomada, que “é um precedente discursivo, que consiste em produzir um enunciado com as mesmas marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas que não faz parte do estoque de provérbios tradicionais conhecidos” (Vellasco, 2000, p. 149)”

APROVADO COM RESTRIÇÕES [Revisado]

Andrea Garcia Muniz – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6780-8309>; andreamuniz.ead@gmail.com

Parecer emitido em 24 de agosto de 2024.

Parecer II

1. Adequação do trabalho ao tema proposto

O artigo explora como os provérbios funcionam como práticas culturais que promovem o cuidado de si e dos outros, incluindo pesquisa de impacto e interpretação dos provérbios entre grupos distintos de participantes. Este tema é relevante e se encaixa bem no campo de estudos do discurso, abordando aspectos culturais e linguísticos que são centrais para a revista *Bakhtiniana*.

2. Explicitação do objetivo do trabalho e coerência de seu desenvolvimento no texto

Objetivo do Trabalho: O objetivo do trabalho é explorar a função dos provérbios como práticas culturais de cuidado, tanto no nível individual quanto comunitário. Este objetivo é claramente apresentado na introdução do artigo.

Coerência de Desenvolvimento: O desenvolvimento do texto é coerente com o objetivo declarado. O artigo segue uma estrutura lógica, começando com uma introdução ao tema, seguida pela fundamentação teórica, análise de dados, e conclusão. Cada seção contribui para a construção do argumento principal.

3. Conformidade com a teoria proposta, demonstrando conhecimento atualizado da bibliografia relevante

Conformidade com a Teoria: O artigo utiliza uma abordagem teórica baseada em estudos culturais e linguísticos para analisar os provérbios. A teoria é bem aplicada e integrada ao longo do texto.

Atualização da Bibliografia: A bibliografia inclui referências relevantes e atuais, demonstrando um bom conhecimento do estado da arte na área de estudos dos provérbios e práticas culturais. As citações são variadas e incluem tanto estudos clássicos quanto pesquisas mais recentes.

4. Originalidade da reflexão e contribuição para o campo de conhecimento

Originalidade: O artigo apresenta uma reflexão original sobre a função dos provérbios, destacando sua relevância cultural e prática. A abordagem de analisar os provérbios como

formas de cuidado é inovadora e oferece novas perspectivas para o campo de estudos do discurso.

Contribuição para o Campo: A contribuição do artigo é significativa, pois oferece uma nova maneira de entender a importância dos provérbios na vida cotidiana e nas práticas culturais. Este tipo de análise pode abrir novos caminhos para pesquisas futuras.

5. Clareza, correção e adequação da linguagem a um trabalho científico

Clareza e Correção: O texto é claro e bem escrito, com poucos erros gramaticais ou de digitação. A linguagem é precisa e adequada para um trabalho científico.

Adequação da Linguagem: A linguagem utilizada é técnica e apropriada para o público-alvo da revista, sendo acessível para pesquisadores e profissionais da área de estudos do discurso.

Conclusão

O artigo atende bem aos critérios de avaliação estabelecidos pelas diretrizes da *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso. Recomendo a aceitação do manuscrito, considerando que ele cumpre com os requisitos de adequação ao tema, clareza dos objetivos, conformidade teórica (particularmente no que respeita à difusão da Paremiologia), originalidade da reflexão, e linguagem adequada. No geral, o artigo está bem preparado para publicação. APROVADO

Leonardo Lúcio Vieira-Machado – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4469-5927>; lucio.leo@gmail.com

Parecer emitido em 18 de agosto de 2024.

Parecer III

Todas as sugestões foram acatadas pelo (s) autor (es) do manuscrito. APROVADO

Andrea Garcia Muniz – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6780-8309>; andreamuniz.ead@gmail.com

Parecer emitido em 08 de outubro de 2024.

Editores responsáveis

Adriana Pucci Penteadó de Faria e Silva

Beth Brait

Bruna Lopes

Maria Helena Cruz Pistori

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara